
O DIÁLOGO

Cid Seixas

O LEITOR:

Sou silêncio e espera
em busca de um sentido
para o que não sei dizer.

Meus olhos
procuram tuas frases,
tuas linhas, teus versos,
onde bebo a seiva oculta
e obedeco a minha sede.

O TEXTO:

Obedeces. Mas não apagas.

A seiva é miragem
na areia deserta do ser.

O LEITOR:

Nas tuas palavras fugazes
ouço vozes do meu silêncio,

descubro
outras dobras do côncavo
e as montanhas do meu prazer.

O TEXTO:

E, no entanto,
sou ilusório,

como os deuses
que não existem
além da crença

e habitam o espaço vazio
entre o ser e o nada.

O LEITOR:

Todo deus é feito de perdão.
Mesmo ao pecado maior:
a adoração ao nada,
descrença.

Seu corpo diáfano
é feito de perdão.

O TEXTO:

Efeito de perdão.
Fantasmas da culpa
talvez.

Para isso foram feitos.

Os deuses são complacentes,
como hímens complacentes,

àqueles que lhes emprestam

corpo e alma
para que vivam.

É triste
o desespero de um deus
morrendo
na solidão do infinito sem luz

enquanto desaparece
na descrença dos fiéis.

O LEITOR:

É preciso crer
para que vivam

na eternidade de nós.

O TEXTO:

Ou para que vivas
depois da morte.

O LEITOR:

És também um dos deuses.

Para mim
que leio teus salmos

e para o outro
que te escreve.

O TEXTO:

Por isso preciso de ti
e do outro
para existir

e para dar o que não tenho.

Posso ser belo,
posso ser triste
como a lua
a refletir na noite
uma luz que não é sua.

Preciso de ti.

Objeto sem luz
que no fogo do outro
se ilumina

e reluz.